

Oriente e Ocidente de mãos dadas e unidos pela arte antiga

O diálogo constante entre o mundo oriental e o ocidental e a importância da Madeira nas rotas do Oriente são o mote de duas exposições que a Madeira acolhe desde o passado fim-de-semana.

Carla Sousa
csousa@noticiasdamadeira

O Museu da Quinta das Cruzes acolhe, desde o passado fim-de-semana, a exposição "Um Olhar do Porto" — uma colecção de artes decorativas. São cerca de 250 peças da colecção Mota que interagem com a exposição do Museu da Quinta das Cruzes. Com um olhar atento, o NOTÍCIAS visitou, passo a passo, esta exposição, enchendo a vista de peças raras, únicas e com uma importância sem medida.

Arte. Numa primeira instância, realça uma peça de finais do século XVI, princípios do século XVII, por sinal, como refere Francisco Clode de Sousa, "o nosso guia", «uma das peças mais importantes da colecção de Jorge Mota». Trata-se de um contador, o único que tem uma forma europeia, mas que é feito com entalhes e técnicas de laca orientais.

De acordo com Francisco Clode, «era já conhecido um contador ou vestígios de um contador que aparecia com um orifício na base». No entanto, ninguém percebia a razão da existência desse mesmo orifício, até aparecer esta importantíssima peça da colecção Mota, «percebendo-se que o orifício era exactamente para sustentar a coluna que suporta o contador». Esta peça tem participado em várias exposições internacionais, por ser, de facto, «o único exemplar conhecido da história de Portugal da relação de uma forma europeia mas numa tecnologia oriental».

Em exposição está também um contador da Índia Mogol, de princípios do século XVII. Uma peça absolutamente extraordinária, com um tipo de decoração de embutidos de marfim sobre madeiras exóticas, com toda a simbologia típica da arte mogol representada nas árvores e fontes da vida, e uma corte que se passeia por jardins sagrados.

No fundo, afirma o nosso guia, todas as peças que estão ligadas à chamada arte da relação do Ocidente com o Oriente têm sempre este carácter de «diálogo entre um encomendante que tem um conceito e determinadas necessidades e exigências e um autor que tem outras». É desse confronto e desse diálogo que nascem estas obras de arte, razão pela qual elas são tão fascinantes.



Diálogo. Na sala de arte oriental do museu estão em diálogo várias peças da colecção Mota com peças da colecção do Museu da Quinta das Cruzes. Aqui, podemos observar claramente modelos de móveis e objectos portugueses ou europeus levados para o Oriente e feitos à maneira oriental. É possível também apreciar algumas peças de porcelana da China, sobretudo do século XVIII, pertencentes à colecção Mota.

Influência. Ao longo da visita deparamo-nos com objectos que reflectem a enorme importância dos desenhos ingleses no mobiliário português da época. Referências, neste caso, do mobiliário inglês que são essenciais ao mobiliário português da época de D. João V e D. José. Podemos apreciar de igual modo gravuras inglesas do Porto dos séculos XVIII e XIX, da colecção Mota, em diálogo com as gravuras da Madeira inglesas do século XIX. Não nos podemos esquecer de que tanto a Madeira como o Porto são duas re-

giões que nos séculos XVIII e XIX tiveram uma grande influência de uma colónia inglesa, por causa do Porto e do Madeira Wine. Nesta zona da exposição, embora com menor destaque, podemos desfrutar de alguns pormenores de inspiração francesa, sempre com peças da colecção Mota em integração com a colecção do próprio museu.

Faiança. Uma das aquisições mais recentes do Museu da Quinta das Cruzes para as suas colecções foi um prato, pois, de acordo com Francisco Clode de Sousa, o museu não possuía uma peça de faiança portuguesa do século XVII. Podemos ver também faianças dos séculos XVIII e XIX da colecção Mota.

Pintura. Na Madeira, estão também peças que, segundo Francisco Clode, são «das mais importantes da colecção Mota». Trata-se de duas extraordinárias pinturas, uma atribuída à oficina de Gregório Lopes, que é um dos maiores pintores primitivos portugueses de meados do século XVI, e uma outra atribuída à oficina de Lambert Lombard, um pintor flamengo de meados do século XVI.

Raridade. Entrando agora numa «espécie de câmara de maravilha», como refere o nosso guia, pois «o grosso da colecção de Jorge Mota é constituído por pequenos objectos», deparamo-nos com peças do Norte da Índia, feitas de madrepérola, com aplicação de pinos de prata.

Uma vez mais, trata-se de peças de uso ocidental ao serviço da Europa e do Ocidente, mas com tecnologias orientais. Peças de finais do século XVI e primeiros trinta anos do século XVII. Várias peças de raridade absoluta, tais como um contador que camufla

um oratório, uma peça que acabou de chegar do Victoria and Albert Museum, em Londres. É possível também apreciar um saieiro Sapi-Português, de finais do século XV princípios do século XVI, uma peça muito pequena mas muito valiosa, feita em marfim a-

fricano, pertencentes à colecção Mota, têm um valor incalculável. Devido à sua importância, pois muitas destas peças são únicas, por uma questão de segurança, foram transportadas do Porto para a Madeira em trinta e seis caixas, muito bem "aconchegadas" e



cano para o mercado europeu.

Valiosidade. Com um valor incalculável, podemos apreciar a colecção de porcelana da China de Jorge Mota, que engloba peças feitas por encomendas portuguesas, com brasões de famílias nobres portuguesas, alguns deles de famílias ligadas à Madeira.

Podemos também ver peças da colecção de ourivesaria de Jorge Mota, sobretudo do século XIX, que engloba algumas peças raríssimas, nomeadamente um frasquinho de aromas de finais do século XV princípios do século XVI.

Curiosidades. Estes exemplares de referência das artes decorativas portuguesas e da arte

altamente empacotadas, em sete aviões diferentes.

Confronto. Esta exposição, que se integra no espírito e na vocação do próprio Museu da Quinta das Cruzes, visita a Região no âmbito do Congresso dos Amigos do Oriente, assim como a exposição patente no Museu de Arte Sacra intitulada "A Madeira nas Rotas do Oriente". De acordo com Francisco Clode de Sousa, estas duas exposições encontram-se entre nós porque «se juntou aqui esforços de várias naturezas», nomeadamente por parte dos próprios museus, da DRAC, da Direcção de Serviços de Museus e com o apoio especial da Comissão das Comemorações dos 500 Anos da Cidade do Funchal.

